

Marcos Antonio Portugal

Oh noites de prazer, de encanto oh noites,
Que presentes vos tenho!... Inda na idéa
Cuido que escuto a tremular nos ares
De Catalani as rapidas volatas,
A voz angelical, dando alma e vida
A's notas immortaes do illustre Marcos!

Costa e Silva — *Poesias*, vol. III, epistola a F. M. Pamphili.

I

Na serie dos filhos illustres, de que Portugal póde com justiça gloriar-se nos seculos recentes, e cujos nomes inscreve honrosamente nos seus brazões litterarios e artisticos, de certo brilha com luzido fulgor e na primeira plana o insigne Marcos Portugal. Celebrado por naturaes e estranhos como um dos mais abalisados compositores do seu tempo, quer na musica profana, quer na sacra, generos que egualmente tratou com superior destreza e admiravel fecundidade, cabe-lhe por universal consenso um logar eminente entre os cultores da arte na eschola italiana, em que se iniciára, e na qual nos deixou provas irrefragaveis de um talento que soube transcender as raias da mediocridade.

Com a solicitude e zelo que de muito empregâmos para salvar do esquecimento (em que, por effeito de inqualificavel incuria de nossos passados, vão caíndo entre nós as memorias de tantos que, por talentos e acções condignas, procuraram bem-merecer da patria), esforçámo-nos por haver a maior cópia de noticias exactas, que nos habilitassem a dar miuda conta da vida e trabalhos artisticos do esclarecido *maestro*, ajudando com nosso pequeno brado o pregão da sua fama.

Não é, porém, esta a primeira vez que sentimos tolhido o passo ao impulso patriotico que nos move, saíndo com o desgosto de ver pouco menos que baldadas as nossas diligencias. Nossa pouquidade e insignificancia, reconheciveis e demonstradas *officialmente* ha muitos annos, privam-nos de consultar archivos publicos e collecções particulares, que a outros se patenteiam *de ordem superior*, ou se franqueiam de bom grado, e onde, provavelmente, se conservam documentos preciosos e especies ignoradas, que nos dariam a luz de que necessitavamos para desempenho cabal da tarefa emprehendida. É fado nosso, contra o qual por muito tempo luctámos, mas que não podémos vencer.

Sem comtudo renunciar ao nosso proposito, e para tornar a nossa obra menos imperfeita, trabalhámos para ver e combinar entre si o que até agora se acha, pela imprensa nacional e estrangeira, vulgarisado ácerca do individuo de quem nos propunhamos tratar.

Lêramos ha perto de cincoenta annos as escassas oito linhas em que, na *Mnemosyne lusitana* (tomo II, 1817, a pag. 181), appareceram commemorados a pessoa e trabalhos artisticos de Marcos Portugal, então vivo na corte do Rio de Janeiro. Depois d'ellas, de algumas ainda mais curtas citações, consignadas de passagem em poucos escriptos do tempo, e dos brevissimos artigos allusivos ao mesmo assumpto no *Essai statistique* de Balbi (tomo II, 1822, pag. CCVII), e na *Lista de alguns artistas portuguezes* do sabio patriarcha S. Luiz (impressa em 1839, a pag. 48), nada mais se nos depara ácerca do nosso portuguez, escripto por nacionaes. Foi mister que um erudito estrangeiro, F. J. Fétis, na sua importantissima *Biographie universelle des musiciens* (1.ª edição, 1835-1844; 2.ª dita, 1860-1864), viesse dar-nos a conhecer o que até então ignoravamos, consagrando n'essa historia monumental da arte um extenso e noticioso artigo á memoria do nosso compatriota, e pretendendo tirar á luz successos e particularidades de que ninguem até esse tempo se havia feito cargo.

Infelizmente, porém, as informações que lhe foram

presentes, e serviram de base á sua narrativa, eram tão inquinadas de erros, que o artigo ficou sendo, na sua maior parte, um tecido de inexactidões, em que a verdade desapparecêra para deixar logar á imaginação [1]. Factos pospostos ou antepostos, datas evidentemente erradas, circunstancias inconciliaveis, eis o que no artigo se nos offerece do principio ao fim. A biographia de Marcos ficou ainda por escrever.

Mas o que nos parece em verdade para lastimar, é que todos os que posteriormente pretenderam dizer alguma coisa de Marcos se limitassem a tomar por norte e guia aquelle artigo, copiando-o, ou resumindo-o sem mais investigação, reproduzindo os mesmos enganos, e jurando, como se diz, nas palavras do mestre. Assim se tem propalado os erros e inexactidões, ainda com o adminiculo de novos descuidos, provenientes de má intelligencia, por modo que parecêra incrivel, se o não palpassemos á vista da confrontação a que com escrupulo procedemos.

É o que successivamente fizeram o auctor do artigo inserto na *Nouvelle biographie générale* (tomo XL, 1862, col. 867); o do outro inserto na *Chronica dos theatros* (5.º anno, n.º 9, de 7 de junho de 1865); um illustre collaborador do *Archivo Pittoresco*, na *Memoria sobre a origem, progressos, etc., da musica* (no tomo IX d'este semanario, 1866); e quasi pelo mesmo tempo outro illustrado estrangeiro, o sr. Platão de Vakcel, nos seus *Apontamentos para a historia da musica em Portugal*, publicados na *Gazeta da Madeira* (vid. o n.º 19, de 21 de junho de 1866), estudo aliás instructivo e curioso, que o auctor, segundo nos consta, vae dar novamente á luz, mais correcto e grandemente ampliado.

Não foi sem grande mágoa nossa que, ao confrontar estes diversos escriptos, notámos em todos reproduzidas, sob a fé do biographo belga, affirmativas tão manifestamente inexactas, como são: que Marcos *nascêra em* 1763, e *fallecêra em Lisboa em* 1829; que aprendêra os rudimentos da arte *em um convento;* que partira para o Brasil *com a familia real em* 1807; que fizera ainda em 1815 *uma nova viagem á Italia;* que regressára a Lisboa *com D. João* VI *em* 1821: asserções todas convencidas de inexactidão flagrante, sem fallar agora de outras, que se nos afiguram, se não de todo falsas, ao menos duvidosas pelas incoherencias que lhes achámos, como haverá para diante occasião de mostrar.

O mesmo não diremos de outra, ainda que succinta, mui compendiosa noticia, bebida em fontes mais genuinas, e que fórma um interessante capitulo da memoria *Os tumulos em um claustro*, lida pelo nosso digno consocio e diligente investigador de antiguidades, o sr. dr. Moreira de Azevedo, no instituto historico do Brasil, e publicada no tomo XXIX da respectiva *Revista*, correspondente ao anno de 1866 (vid. de pag. 290 a 292). Essa noticia, e o catalogo das composições musicaes de Marcos, escripto por elle proprio, e já publicado por outro nosso respeitavel consocio, o sr. M. de Araujo Porto-Alegre, na mencionada *Revista* (vol. XXII, 1859, de pag. 479 a 503), foram-nos de grande auxilio, não menos que os subsidios que da melhor vontade nos facilitou o sr. Joaquim José Marques, intelligente amador da musica, e um dos mais enthusiasticos admiradores das glorias de Marcos, pondo generosamente á nossa disposição, afóra outros livros, a collecção numerosissima que possue (e talvez a mais completa ora existente em Lisboa) dos *libretos* das operas representadas no nosso theatro lyrico desde a sua fundação até agora. A elle devemos tambem o retrato, que a empreza do *Archivo* mandou gravar esmeradamente para ser collocado á frente d'este artigo. Por tudo rendemos ao nosso amigo sinceros agradecimentos.

Cerrando por aqui o exordio, que, embora longo, nos pareceu indispensavel, passaremos á resenha da vida e feitos de Marcos, tão veridica e circunstanciada qual podémos coordenal-a; deixando ainda para outros mais felizes o cuidado de a completar com o muito que escapou a nossas indagações, bem como aos entendidos na esthetica musical o de pronunciarem juizo fundamentado sobre o merito de producções, para cuja analyse e apreciação nos confessâmos de todo incompetente.

(Continúa) INNOCENCIO FRANCISCO DA SILVA.

[1] Quando nos vemos forçado a apontar este ou similhantes defeitos, não queira alguem persuadir-se de que nossos humildes reparos tendem nem remotamente a rebaixar o merito de obras como a de Fétis. *Hanc veniam petimusque, damusque vicissim*. Ninguem melhor do que nós está em circunstancias de avaliar pela experiencia propria quanto custa ser sempre exacto em obras d'esta ordem e de tamanho folego, nas quaes o escriptor, impossibilitado de examinar tudo por si, tem necessariamente de soccorrer-se dos trabalhos de outros, tornando-se ás vezes responsavel dos descuidos alheios. Vem a ponto, e sirva de exemplo o que nos aconteceu, pouco ha, em caso analogo. No tomo VIII do nosso *Diccionario bibliographico*, inattentadamente transportámos da Bohemia para Portugal a patria de um afamado escriptor e compositor musico, Antonio José Reicha, e lhe abrimos praça como a portuguez e natural de Braga; baseando a nossa equivocação (á parte a propriedade ou similhança de nome e appellido) no erro de compositores ou revisores typographicos, que deixaram passar a letra B em logar de P! Erro de que só tarde fomos benevolamente advertido, mas que de certo evitariamos se tivessemos tido occasião de ver antes a obra de Fétis.

FRUCTOS DE VARIO SABOR

III

AS ROSEIRAS DO AMOR

(Vid. pag. 234)

XVI

O AMOR VERDADEIRO

Não foram precisos muitos dias para que Pedro se apercebesse que entre o seu hospede e a sua futura havia demasiada familiaridade; mas, com a probidade que distinguia o seu caracter, nem sequer teve uma leve suspeita de que o atraiçoassem.

Como? Pois a mulher que desde o berço lhe estava destinada, que elle principiou a amar ao mesmo tempo que começou a amar sua mãe, que lhe jurára ser só d'elle, e que sabia quanto era adorada, havia de enganal-o?

E o homem que lhe devia a vida, que lhe pedíra que o tratasse como irmão, que elle recolhêra em sua casa, a quem cedêra a sua cama, e por amor do qual dormia no duro chão, e para quem trabalhava como negro a fim de que nada lhe faltasse n'uma terra pobre e sem recursos, esse homem havia de illudil-o e escarnecel-o?

Impossivel!

O doente levantou-se por uma bella manhã em que Pedro tinha ido, como de costume, para a pesca dos congros. E o joven pescador, voltando a casa inesperadamente, encontrou Carlos sentado á sombra da sua figueira, beijando as mãos... e o rosto de Maria, que se prestava a taes demonstrações com egual ternura!

Pedro, que trazia ás costas um bicheiro de ferro, porque resolvêra ir aos polvos em vez de ir ao mar alto, teve como um deslumbramento; esfregou os olhos com as costas da mão e encostou-se ao bicheiro para não cair. Depois, tomando uma resolução violenta, avançou para os dois.

Carlos levantou-se. Maria ficou sentada onde estava.

— O senhor escarneceu-me, disse Pedro gravemente e empunhando o terrivel ferro como se fôra um punhal; abusou da minha confiança indignamente, e eu devia matal-o como se faz aos cães damnados; mas ahi tem esse bicheiro de ferro; defenda a sua vida como podér, porque um de nós ha de ficar aqui por força.

Atirou-lhe com o varejão aos pés e correu a casa, d'onde logo saiu com um pau de marmeleiro ferrado de ambos os lados.

Carlos Eugenio ficára impassivel.

— Não me defendo, disse elle tranquillamente; não sei jogar o pau, e, ainda que soubesse, não estou em estado de me defender. Reconheço que procedi mal; a culpa foi do destino, e do senhor, que me arrancou ás ondas...

— Porque não sabia que qualidade de homem salvava, atalhou o pescador; senão, em vez de lhe acudir, tel-o-hia impedido de juntar mais esta feia acção ás outras que, provavelmente, ha de já ter praticado.

A linguagem digna e severa de Pedro, que lhe era inspirada, apesar da sua ignorancia, pela elevação do seu caracter, feriu Carlos Eugenio.

— Mate-me, mas não me insulte! disse elle. Tem direito para me bater, e não para me affrontar!

— Tenho direito para tratar como eu quizer a um ladrão da sua especie!

E, dizendo isto, Pedro ergueu o pau, e teria esmigalhado o craneo de Carlos se Maria se não lançasse entre elles gritando:

— Perdão!

Foi só então que o moço attentou n'ella e pensou que a víra, ao entrar, recebendo as caricias e afagos de outro que não era elle.

— Perdão?! Pois tu gostas d'este moço?!

— Adoro-o! Se lhe tocares, morrerei. Se eu não casar com elle, não serei mulher de nenhum outro!

Pedro arremessou o pau para muito longe e disse, voltando-se novamente para Carlos:

— Sáia em paz, senhor; por amor d'esta mulher, que eu amo mais que a vida, e que nunca deixarei de amar, perdôo-lhe o mal que me fez roubando-m'a para sempre.

Os olhos arrasaram-se-lhe de lagrimas. Voltou-se para que os dois lh'as não vissem, e partiu para casa do padre Manuel.

D'ahi a meia hora chegou uma carruagem do Porto, trazendo dentro dois sujeitos, dos quaes um era medico afamado da cidade invicta, e o outro negociante e correspondente de Carlos Eugenio.

Folgou o lisboeta por se poder livrar, mais depressa ainda do que tinha pensado, da situação em que caíra. Um elegante da sua qualidade não podia descer até ao ponto de casar com uma aldeã! Além d'isso, reconhecia que por pura leviandade tinha commettido um acto infame, e a consciencia maltratava-o. Carlos era o que convencionalmente se chama *um rapaz da moda*. Jogava, bebia, fumava, e fazia tudo quanto fazem os da sua edade, se se lhe offerecia para isso occasião; mas não procurava de proposito esses divertimentos ou extravagancias; não frequentava logares suspeitos; dava esmolas a quem lh'as pedia; não fazia nunca o mal só para ter a vangloria de ser mau; nem recuava diante de nenhum prazer que se lhe atravessasse no caminho.

Acceitava a existencia com tudo quanto ella tinha de feio ou de bonito, conforme se lhe apresentasse; e agradecia-lhe os gozos que d'ella recebia, com tanto que lh'os variasse constantemente. Finalmente, quando fazia alguma grossa patifaria, não gostava que lh'a lançassem em rosto, e tinha a coragem de se bater, porque, segundo os principios da sociedade a que pertencia, um duello limpa de qualquer infamia a todo o miseravel que tem valor para manejar uma espada ou uma pistola.

Gostava de Maria porque era bonita, porque lhe serviu para se distrahir artisticamente durante a doença, e porque ella gostava d'elle; mas nunca pensára em se demorar nem mais um dia por amor d'ella; e ficou devéras incommodado com as recriminações de Pedro, que reconhecia justas, mas não gostava de deixar atraz de si um homem com o direito de lhe chamar tratante sem elle o poder corrigir por esse atrevimento.

Aproveitou, pois, a visita do seu correspondente, dizendo á moça que aquelle vinha buscal-o por ordem de seu pae; que já estava no Porto outro navio esperando-o para o levar á Inglaterra, e que d'ahi a dois ou tres mezes voltaria para casarem.

Bem facilmente se crê o que muito se deseja.

Maria pediu-lhe que, quando passasse para o norte, mandasse bordejar o navio diante da praia do Esteiro, e lhe acenasse com uma bandeira para ella saber que era elle; e que á volta de Inglaterra, se chegasse de noite em frente de Avelomar, se pozesse tambem a bordejar até pela manhã, e lhe fizesse então com a bandeira os mesmos signaes, porque ella não deixaria passar embarcação alguma sem ir á praia reconhecel-a.

Tudo o amante lhe prometteu, e partiu, chorando umas lagrimas, que ella tomou por si, e que elle proprio não saberia bem explicar.

(Continúa) F. Gomes de Amorim.

SCIENCIA POPULAR

O BAMBÚ E SUA UTILIDADE

O bambú (*bambusa arundinacea* de Wild), planta natural da India, vegeta optimamente nos nossos jardins de recreio. Disposto em grupos pelas margens de rios e lagos, alternando com especies de outros generos, é sempre de um excellente effeito, como se observa em sitios do passeio publico da Estrella.

Na qualidade de chefe de serviço do horto do instituto agricola, tratei-a por mais de seis annos no logar que, pela ordem da classificação, alli lhe coube, onde se acha nas mesmas circumstancias, com os muito pequenos cuidados de que precisa, não obstante ser o peior sitio em que podia acertar.

Em todos os sitios, e bem differentes condições, em que nos jardins de Lisboa existe o bambú, encontra-se sempre em perfeitas circumstancias de vegetação. É, pois, claramente, a especie alludida um vegetal que podêmos, não só aqui, mas em regiões menos frias, cultivar com grande facilidade, tornando-se por esta e outras razões um dos que nos devem merecer attenção.

O bambú é uma planta que não só interessa pelo ornamento, mas tambem por varios respeitos, conforme a especie, a edade e os paizes onde se cria, assim como ganha mais ou menos altura e diametro, dureza, resistencia, leveza, espessura de lenho, capacidade ou vasio, etc.

Por isso apparece notado o *bambú terin*, já por seu pau mais resistente e leve, como exclusivo material de grande duração nas habitações e em outras obras de vulto em certas ilhas da Asia e nas costas occidentaes da America do sul, onde as construcções mais pesadas seriam extraordinariamente perigosas, abatendo de tempo a tempo por effeito dos tremores de terra; já pelo grande vasio que offerece, empregando-se para vasos, tubos, medidas de capacidade e outros utensilios, para os quaes não menos usado é o grande e magestoso *bambú sammat* [1], que é o de maiores dimensões e tambem o mais ôco, e egualmente o *illi*, posto que menos ôco e mais espesso. O *bambú icho* emprega-se no fabrico de um papel da China, que os indigenas muito usam nos guarda-soes e para suas pinturas; o *ampel*, especie que exhibe um pau de muita força, emprega-se na feitura de escadas muito leves, assim como para certos supportes, e em outros instrumentos de differentes usos; as bellas e delgadas cannas do *bambú negro* e as do *branco* de pequeno talhe são de mui geral e conhecido uso para cabos de chapeos de chuva, e até para bengalas [2].

1 Esta especie chega a attingir a altura de mais de 20 metros e o diametro de 6 decimetros proximamente.

2 Mesmo do bambú branco, isto é, do que possuimos, mandámos fazer uma bengala, e podêmos assim mostrar a boa qualidade da canna.

Outros bambús ha de mui differente e utilissimo emprego, e de alguns apparecem obras de mimo e raridade, taes como galantes caixas ornadas de magnificos desenhos, lindos cestos, etc.

Contam-nos que cada um dos pretos carregadores de cobre das minas de S. José de Encoche transporta este producto por meio de certa canna bambú, que terá 7 centimetros de diametro, d'onde, sobre as costas, lhe pende um fardo de não menos de 4 arrobas! Sendo carregados os navios em Mossamedes, enormissima distancia onde é levado o minerio, voltam os pretos para S. José de Encoche e cercanias com fardos de lenços ou de outras fazendas de algodão, e enfiadas de missanga, com que alli pagam suas despezas e fazem outras permutações.

Por estas ou similhantes razões se vê a grande resistencia d'est'outra sorte de bambú produzida na Africa occidental.

Temos percorrido recentemente os jardins da capital, á excepção do sumptuoso jardim real das Necessidades, mas não nos consta que possuamos exemplares vivos do bambú negro ou da China (*bambusa nigra* de H. P.) Cremos que o não temos, existindo já ha mais de dez annos em França, onde logo á sua introducção foi tomado no devido apreço, empregando-se todo o cuidado para a sua multiplicação.

Era, consequentemente, uma das preciosas acquisições a fazer, sobre tudo porque se verificaria com extrema facilidade, e porque poderiamos cultivar com bem pouco custo, tão perfeitamente esta especie como a branca, que faz o objecto principal d'estes apontamentos.

Como quer que seja, porém, ou se entenda, o que poderemos seguramente dizer é que, sendo o bambú negro o mais estimado para as bengalas de chapeos de chuva, de umbellas, e para outros serviços, comtudo o bambú branco que possuimos póde tambem, por sua qualidade, logo que se torne bem propagado e conhecido, ter muita procura entre nós, por isso que o que vem do estrangeiro, quer de uma quer de outra côr, o não excede em muitos casos. É o que poderá concluir-se de algumas das seguintes indicações, do mesmo modo que da inspecção e experiencia de pessoa competente.

Por fins de outubro do anno proximo findo, obtivemos no instituto agricola uma canna bambú amadurecida, que, tendo sido em logar abrigado, como convinha, exposta ao ar, ao cabo de uns quinze dias começou a murchar. Por fins de novembro, tendo nós alcançado uma outra canna, egualmente madura, do jardim botanico da Ajuda, e havendo sido enxuta do mesmo modo, murchou tambem até certo ponto; mas em fins de dezembro e por meiado janeiro, tendo-senos enviado do mesmo jardim algumas cannas egualmente maduras, seccaram estas nas referidas circunstancias, sem que uma ou outra murchasse, não offerecendo, decorrido ainda o tempo da mais completa sécca, alteração alguma na uniformidade e no brilho da superficie, tornando-se, pelo contrario, mais bonita em alguns sitios proximo dos nós, onde a projecção dos ramos as tinham deixado mais verdejantes.

O córte dos bambús só deve fazer-se quando perfeitamente maduros, no caso preciso, pela epocha do córte das cannas ordinarias (*arundo donax* de Lin.)

Logo que colhemos a primeira canna de bambú mostrámol-a a um dos nossos esclarecidos artistas, tanto em obras de torno como no fabrico de chapeos de sol, o sr. Antonio Maria Teixeira, o qual nos aconselhou que não cortassemos cerce os ramos das cannas, mas sim a certa altura, a fim de se poder fingir o mais naturalmente possivel a continuação dos nós, como se vê nas cannas que nos vem de fóra.

Cortámos, por consequencia, á precisa altura os ramos das outras cannas, que não soffreram alteração alguma na superficie, ácerca das quaes o referido artista notou, a par d'esta excellente circunstancia, outras boas qualidades, taes como: não serem mais grossas do que convinha para bengalas de chapeos de sol; não serem tão esguias ou desproporcionadas; e não serem tão ôcas como muitas das que nos enviavam do estrangeiro, offerecendo ainda a precisa rigidez.

A estas circunstancias, porém, vimos terem faltado duas coisas: primeiramente, a de serem as cannas colhidas com certa porção de raiz; e em segundo logar, de serem contornadas por esta parte, acto contínuo, ou com pouca demora, por meio do fogo. Depois d'isso, e de perfeitamente séccas, facil é simular-lhes os nós, quando para bengalas, em todos os sitios interrompidos pela grossura dos ramos; desbastar-lhes o extremo arqueado, quasi sempre mais ou menos estalado, e dar-lhes um simples verniz, para o que ligeiramente se raspam, ou lixam, ficando assim em tão boas circunstancias como as que nos vem de fóra.

Tendo-nos levado as expendidas razões ao presente artigo, indicaremos alguns caracteres do vegetal em questão, e notaremos os cuidados de sua facilima cultura e colheita.

É o bambú planta monocotyledonea, graminea-lenhosa e vivaz, de facil desenvolvimento, e de raiz, *sócca dos operarios*, traçante-articulada, d'onde rebentam outras cannas [1], que dos nós lançam delgados ramos com folhas envaginantes, longas e lanceoladas, offerecendo, em epochas mais ou menos remotas, flores em paniculas de espiguetas pouco destacadas.

As especies de bambú de maior desenvolvimento, taes como o *altivo sammat* e o *illi*, só se dão bem em terras profundas, pingues e de fresquidão; porém as mais humildes, ou *pequenos bambús* [2], dão-se tambem em terras menos frescas e menos ferteis, posto que produzam melhor em terrenos da primeira qualidade.

As terras barrentas não convem aos bambusaes, e affirma-se que as cannas n'ellas produzidas adquirem casca rugosa ou cannelada.

Durante o outono ou no começo da primavera é que se multiplica o bambú por pedaços de raiz, com rebentos, ou sem elles, ou pela canna dividida em partes, comprehendendo alguns nós, a cada um dos quaes se deixa um de seus delgados ramos, mettendo-os assim na terra.

As porções de raiz e seus rebentos devem assentar sobre algum estrume, á profundidade de 25 a 30 centimetros, para que, a seu tempo, se possam encontrar as cannas que for preciso colher com a necessaria extensão subterranea, a fim de poderem ser contornadas em arco, como convem. Esta profundidade, a que nós não temos encontrado os bambús que possuimos e temos examinado, porque os jardineiros os costumam metter muito superficialmente na terra, é preciso que se adopte como regra geral, e se haja tambem em vista, para a maior propagação, substituir as estacas pelos pedaços de canna collocados horisontalmente, o que experimentámos ha pouco no horto botanico do instituto agricola com muito bom resultado, porque, não obstante ter sido preciso por duas vezes mudal-os de sitio, deitaram muito bons rebentos junto á terra, continuando a desenvolver-se.

Costumam-se inutilisar os rebentos que nos dois primeiros annos de vegetação as hastes produzem, para que estas não sejam extenuadas. Deve entreter-se no bambusal a humidade indicada pela maior ou menor

[1] Este facil meio de propagação compensa perfeitamente a raridade de suas flores e sementes, especialmente nas especies de mais rapido desenvolvimento, que são as mais pequenas.

[2] Vimos algures indicadas as cannas que mais se podem desenvolver na especie arundinacea, com altura muito superior á que julgavamos. Em Lisboa, a maior canna que temos visto existe em perfeita exposição ao sul no pequeno jardim da alfandega; completou o maior desenvolvimento e madureza, e tem o comprimento de 6 metros.

O bambú negro, que tambem se podia dar em Portugal, produz sempre cannas de 1 a 2 metros de elevação, e delgadas, como é para desejar.

evaporação, que o tempo dos maiores calores ou da seccura possa produzir.

É ao que principalmente se reduzem os cuidados de que esta planta carece para se desenvolver.

Conhece-se que o bambú tem completado o seu maximo desenvolvimento e tocado a madureza quando adquire um colorido de amarello pouco esverdeado. N'estas circunstancias é que as hastes mais ou menos delgadas, segundo as applicações a que se destinam, se devem cortar, escolhendo-se as occasiões de tempo menos humido dos fins de dezembro, ou por todo o janeiro, maxime até principios de fevereiro.

Derribados os bambús, não devem deixar-se sobre a terra, porém devem levar-se para logar abrigado e melhor exposto ao ar, a fim de (depois do seu enxambramento, que se effectua em quinze até trinta dias, conforme o tempo mais ou menos enxuto correr, e não convindo continuar d'este modo a sécca) se concluir a sua deseccação por via de um calor apenas moderado, para que se não fendam ou empenem, o que de certo acontecerá expondo-os a um grau de temperatura mais elevado.

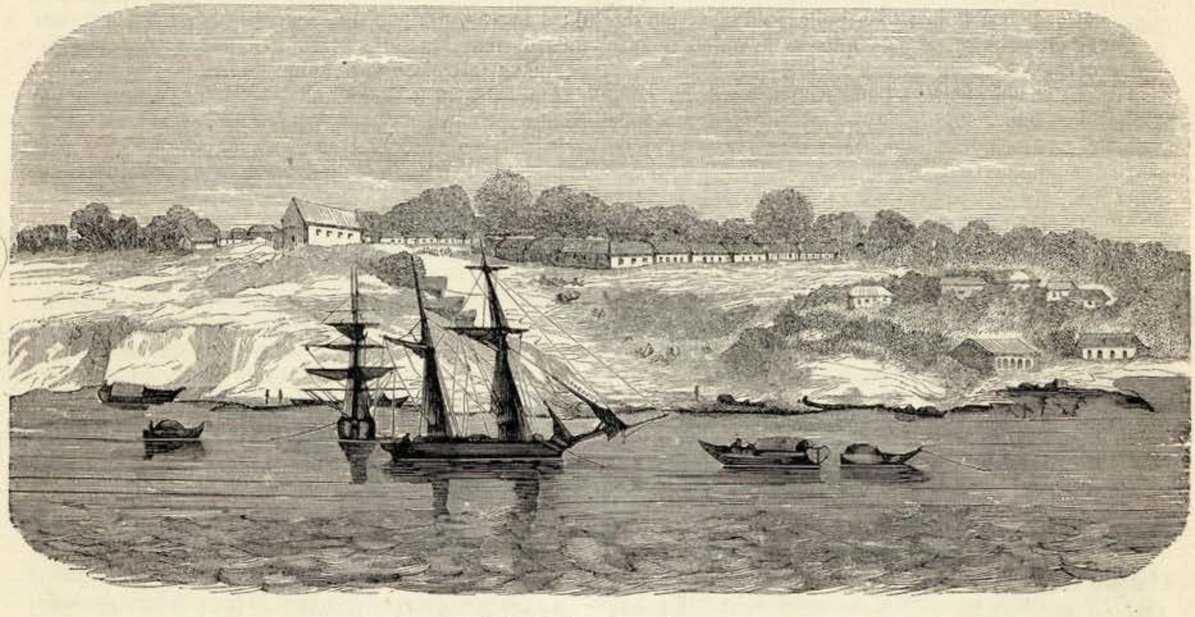
Resta-nos dizer, em presença da tão facil cultura d'esta planta, que, saindo a duzia das cannas vindas do estrangeiro talvez pelo preço de 2$400 a 3$000 réis, nós poderiamos, em qualquer caso, offerecel-as produzidas no paiz, e em eguaes ou nas melhores circunstancias, por metade, pouco mais ou menos, do referido valor.

Antonio da Costa Viegas.

BRASIL

VILLA DE OBIDOS

À maneira que os missionarios, que se entranhavam pelos sertões do Brasil para derramar a luz do evangelho, catechisavam e baptisavam os gentios, cuidavam logo, com a maior diligencia e perseverança, de os fazer abandonar a vida nómada, estabelecendo-os em povoações regulares, onde se fossem policiando e civilisando por meio dos habitos do trabalho.



Villa de Obidos, sobre o Amazonas

D'est'arte tiveram principio muitas povoações, que ao presente são villas e cidades florescentes do interior do imperio brasileiro; e tal foi a origem da villa de Obidos.

Na segunda metade do seculo XVII, conseguiram os missionarios jesuitas fundar uma povoação de gentios tapuyas no sitio chamado Paricatena, junto á margem direita do grande rio Amazonas, defronte da foz do rio das Trombetas, provincia do Pará.

Composta de miseraveis choupanas de madeira toscamente apparelhada, mas, ainda assim, dispostas em ruas, com certo ar de regularidade, e no meio d'ellas sua capella ou oratorio, egualmente singelo e pobre, onde os jesuitas diziam missa e administravam os sacramentos, quando por alli passavam em missão, perseverou esta aldeia por bastantes annos, habitada só pelos referidos gentios, sem mais governo que a vontade do seu chefe, e tendo por unicas leis as maximas e conselhos que recebiam dos missionarios.

Esta doce paz e santa harmonia em que alli viviam os tapuyas veiu a ser quebrada pelas incursões de outras tribus indigenas, e tambem por alguns accommettimentos de flibusteiros da America do norte, vindos de longes terras para roubar as povoações indefesas.

A fim de proteger a colonisação n'aquelles territorios despovoados, e ao mesmo tempo alentar o commercio fluvial, então apenas nascente, determinou o governador da provincia ao official de engenharia Manuel da Mota de Sequeira, que fosse escolher logar apropriado para a fundação de uma fortaleza, que impozesse respeito áquelles selvagens e salteadores, e defendesse os que vinham collocar-se sob a protecção da bandeira portugueza. Em cumprimento, pois, d'esta ordem, construiu o dito official um forte no sitio de Paricateua, junto á aldeia dos tapuyas acima mencionada. Corria então o anno de 1697.

Tanto a aldeia como o forte tomaram o nome do estreito de Pauxis, junto do qual estavam edificados. Dera nome ao estreito uma ilha que alli divide o Amazonas em dois braços. E a ilha recebêra-o de umas grandes e formosas aves que a frequentavam muito, e ás quaes os tapuyas chamavam pauxis.

Estas aves, maiores que as nossas gallinhas, inteiramente vestidas de plumagem negra, mui lustrosa, com lindos reflexos de furta-côres, tendo sobre a raiz do bico um como barrete de côr vermelha, especie de tuberculo liso e sem pennas, e logo atraz, sobre a cabeça, um toucado de pennas graciosamente encrespadas; estas aves, dizemos, são chamadas em linguagem scientifica *mitu brasiliensium*, segundo Marcg;

ou *ourax mitu*, conforme Temm. Em varias quintas dos arrabaldes de Lisboa e do Porto temos visto alguns casaes d'estas lindas aves, vivendo soltas em boa camaradagem com a mais criação. Entre nós são conhecidas com o nome de gallinhas do Amazonas ou do Maranhão [1].

Em 1758, sendo governador do Pará Francisco Xavier de Mendonça Furtado, foi a aldeia dos Pauxis elevada á cathegoria de villa, por decreto del-rei D. José I, recebendo então o nome de Obidos, em commemoração da historica terra de Portugal assim denominada.

Os jesuitas, na escolha do local para o estabelecimento da colonia dos seus neophytos, attenderam mais ás condições de fertilidade do solo que ás da salubridade do ar. Aquelle terreno, banhado de uma parte pelo Amazonas, e da outra parte opposta pelo lago das Campinas, é vasto e excellente para a agricultura, não só pela sua natural fecundidade, mas tambem por ser facil de laborar, o que era de muita importancia para colonos não habituados a similhantes lides, e que até desconheciam a necessidade do trabalho. Juntava-se a tudo isto a belleza do sitio, e o defensavel da posição, depois que se levantou o forte entre o rio e o lago.

Porém toda a medalha tem reverso, e o d'esta nada tinha de bello nem de favoravel. Era sujeito todo aquelle territorio ás inundações do Amazonas e do lago das Campinas, que por vezes destruiram a pobre povoação dos tapuyas e todo o fructo de suas fadigas. E ainda peior que isto era o desenvolvimento das febres intermittentes e perniciosas, que vinham após as inundações e que dizimavam a população.

Taes foram as razões que levaram o governador da provincia a propor ao principe regente D. João, nos fins do seculo passado, a mudança da villa de Obidos para um logar mais salubre, na margem esquerda do Amazonas.

Approvada esta proposta pelo governo da metropole, fez-se a mudança da villa para a margem opposta, em local que fica quasi defronte do antigo.

Mais bem situada pelo que respeita á hygiene, e com condições não menos vantajosas para a agricultura, cresceu e medrou a povoação, vindo estabelecer-se n'ella algumas familias portuguezas, com as quaes se começou a terra a policiar. As edificações foram apresentando melhor aspecto, cedendo as choupanas o logar a casas de pedra de cal. A agricultura assumiu maiores proporções, aperfeiçoando-se pouco a pouco; e o desenvolvimento do commercio pela via fluvial, tanto com a cidade de Nossa Senhora de Belem do Grã-Pará como com as diversas villas que guarnecem ambas as margens do Amazonas, e as dos rios seus confluentes, foi animando e enriquecendo aquella villa. Para sua defensa tambem se construiu um forte junto d'ella. Quanto ao antigo, da margem direita, a sua má construcção fez com que, ao cabo de poucos annos de abandono, caísse em completa ruina.

A actual villa de Obidos está sentada sobre uma collina de pequena elevação, banhada pelo Amazonas. Está proximo da foz do rio das Trombetas, e dista oitenta e tantos kilometros da villa de Alemquer, na mesma margem esquerda, e obra de sessenta da villa de Santarem, edificada na foz do rio Tapajoz, situada na margem direita do Amazonas.

A villa de Obidos tem uma boa egreja parochial, da invocação de Sant'Anna, que é o seu unico edificio notavel. No centro da povoação ha uma grande praça. As casas são baixas, mas bem construidas, e n'isto consistem os principaes melhoramentos da villa, que ainda hoje é pequena.

O estabelecimento de communicações regulares com a cidade do Pará e com as mais importantes povoações de ambas as margens do Amazonas, por barcos movidos a vapor, tem dado algum impulso ao commercio, fazendo desenvolver bastante a agricultura. Os principaes generos que exporta são cacau e algodão. O primeiro é muito estimado no Pará pela sua excellente qualidade; e a esta circunstancia reune-se a grande abundancia d'este producto. Além d'isso, é terra farta dos generos mais essenciaes á vida, uns que cultiva, outros que recebe de fóra.

O seu porto é formado por um reconcavo que alli faz o Amazonas; mas falta-lhe um caes. Desce-se para alli, da povoação, que está edificada no alto e na encosta da collina, por um caminho, meio obra da natureza, meio affeiçoado pelos homens.

O Amazonas é alli dividido em dois braços pela ilha dos Pauxis: o que passa junto de Obidos tem de largura 1:500 metros, e 30 de profundidade.

O rio das Trombetas, que desagua no Amazonas por duas barras, um pouco acima de Obidos, é muito caudaloso, tem grande largura e é navegavel. Outr'ora chamava-se *Oriximina*, nome tapuya.

Ambos estes rios são abundantes de peixes, de especies variadas, algumas d'ellas de sabor delicado. Os arredores da villa não são menos, se não são mais abundantes de todo o genero de caça, em que entra muita diversidade de formosissimas aves.

Em fim, a villa de Obidos desfructa uma posição linda, pelo magestoso panorama que lhe offerece o Amazonas, com suas ilhas e margens verdes e floridas em perpetua primavera; e magnifica pelas vantagens economicas que lhe proporciona, embora ainda não tenha tirado d'ellas os resultados que só colherá com os progressos da civilisação.

Quanto á belleza do paiz, bastará dizer, para se ajuizar d'ella, que os arrabaldes da villa, bem cultivados, tem por limites, aos lados, as margens deliciosas dos dois rios mencionados, e no fundo copadas e densas florestas.

I. DE VILHENA BARBOSA.

O INSTITUTO DE FRANÇA

AO SR. INNOCENCIO FRANCISCO DA SILVA, AUCTOR DO «DICCIONARIO BIBLIOGRAPHICO PORTUGUEZ»

(Vid. pag. 223)

Damos agora em seguida a relação dos *quarenta immortaes* que, em 1864, occupavam as celebres cadeiras da academia franceza. Os titulos das obras, de que acompanhámos cada um dos nomes, em beneficio dos estudiosos, tem referencia a epochas anteriores á entrada na academia, e acaso indicarão o motivo d'essa honra. Se porventura quizessemos fazer relação exacta e circunstanciada de todos os trabalhos litterarios e scientificos, antes e depois da entrada, occupariamos o decuplo, ou mais do decuplo, das columnas que, ainda assim, comprehendem este resumo.

Todavia, para ficar noticia mais curiosa que a que poderiamos aqui registar, mencionaremos, conjuntamente com o de cada academico existente na data acima indicada, o nome do litterato a quem elle succedeu; e d'este modo abrangeremos um periodo de quasi um seculo.

Eis, pois, a citada relação:

I. Duque de Broglie, nascido em 1785, politico e diplomata, auctor dos *Ecrits et discours*, que em 1855 substituiu o conde de Sainte-Aulaire, auctor da *Histoire de la fronde*.

II. Mignet, n. em 1796, historiador, um dos fundadores do *National*, com Thiers e Armand Carrel, auctor do *Eloge de Charles* VII e de *L'état du gouver-*

[1] A *Chorographia brasileira* diz que a aldeia se começou a chamar *Pauxis*, do nome dos gentios que a povoaram. Porém parece-nos melhor opinião a que seguimos. Serve-nos tambem de algum fundamento a circunstancia de ter dado Linneo a uma variedade d'aquella especie de aves o nome de *ourax pauxi*. Os mexicanos ainda hoje denominam *pauxis* as ditas aves.

nement et de la legislation en France à l'époque de l'avénement de Saint Louis et des instituitions de ce prince, etc., que em 1836 substituiu F. J. M. Raynouard, poeta e philologo, auctor do *Socrate dans le temple d'Aglaure*, poema. As obras de Raynouard ácerca da lingua dos trovadores foram posteriores á sua entrada na academia.

III. Julio Sandeau, n. em 1811, romancista, auctor de *La maison de Penarvan*, *M.elle de la Seiglière*, *Les revenants*, etc., que em 1858 substituiu Brifaut, poeta e publicista, auctor do poema *Rosamonde*, da *Olympie*, tragedia lyrica, de *Dialogues*, etc.

IV. Octavio Feuillet, n. em 1812, dramaturgo e romancista, auctor do *Roman d'un jeune homme pauvre*, *Histoire de Sybille*, *Dalila*, etc., que em 1862 substituiu Scribe, dramaturgo celebre, auctor de innumeros dramas e comedias, e entre elles do *Charlatanisme*, *Diplomate*, *Les moralistes*, *Le mariage d'argent*, *Valérie*, *Bertrand et Raton ou l'art de conspirer*, etc.

V. Falloux, n. em 1811, politico, auctor da *Histoire de Louis* XVI e da *Histoire de saint Pie* V, etc., que em 1856 substituiu Molé, auctor dos *Essais de morale et de politique*. Este academico deixou varias memorias inéditas.

VI. E. Legouvé, n. em 1807, romancista e dramaturgo, auctor de *La découverte de l'imprimerie*, *Histoire morale des femmes*, dos dramas *Adrienne Lecouvreur*, *Bataille de dames*, *Contes de la reine de Navarre*, e da tragedia *Medée*, etc., que em 1854 substituiu Ancelot, poeta dramatico, auctor das tragedias *Fiesque* e *Maria Padilla*, do romance *Homme du monde*, e de diversas comedias.

VII. Guizot, n. em 1787, homem de estado e historiador, auctor do *Cours d'histoire moderne*, *Histoire générale de la civilisation en l'Europe*, *Histoire générale de la civilisation en France*, etc., que em 1836 substituiu Destutt de Tracy, auctor dos *Eléments d'idéologie*.

VIII. Ponsard, n. em 1814, poeta dramatico, auctor das tragedias *Lucrèce* e *Agnès de Méranie*, do drama *Charlotte Corday*, etc., que em 1855 substituiu Baour-Lormian, poeta, auctor das *Veillées morales et poétiques*, de *Omasis ou Joseph en Egypte*, tragedia, e traductor da *Jérusalem délivrée* e das *Poésies d'Ossian*.

IX. Victor Hugo [1], n. em 1802, celebre poeta, romancista e dramaturgo, auctor do *Han d'Islande*, *Bug-Jargal*, *Hernani*, *Orientales*, *Notre-Dame de Paris*, *Cromwell*, etc., que em 1841 substituiu N. Lemercier, poeta, auctor de diversas memorias e tragedias classicas, e do drama historico *Pinto ou la journée de la conspiration*, cujo assumpto é a revolução de Portugal de 1640, que deu o throno a D. João IV.

X. Sainte-Beuve, n. em 1804, poeta e critico, auctor do *Tableau historique et critique de la poésie française et du théatre français au* XVI *siècle*, etc., que em 1845 substituiu Casimiro Delavigne, poeta, auctor das elegias conhecidas sob o nome de *Messéniennes*, e da comedia *L'école des viellards*, em que representaram Talma e m.elle Mars, etc.

XI. Ampère, n. em 1800, professor e archeologo, auctor da *Littérature et voyages*, *Histoire romaine à Roma*, *Histoire littéraire de la France*, etc., que em 1847 substituiu Guiraud, poeta tragico e elegiaco, auctor dos *Poémes et chants elegiaques*.

XII. Barante, n. em 1782, historiador e publicista, auctor das *Communes et de la aristocratie*, e de *L'histoire des ducs de Bourgogne de la maison de Valois*, etc., que em 1828 substituiu Desèze, advogado distincto, um dos defensores da rainha Maria Antonieta no celebre processo do collar, e de Luiz XVI perante a Convenção.

XIII. Pongerville, n. em 1792, litterato, auctor da *Histoire de l'invasion d'Edouard* III *en France*, e traductor de Lucrecio, Ovidio, Virgilio e Milton, etc., que em 1830 substituiu Lally-Tollendal, litterato, que defendeu Luiz XVI como Desèze, e publicou esta defesa e outras obras.

1 Vid. o vol. VII do *Archivo Pittoresco*, n.º 1 e seguintes.

XIV. Principe Alberto de Broglie, n. em 1821, litterato, auctor de *L'église et l'empire romain au* IV *siècle*, de *Une reforme administrative en Algérie*, etc., que em 1863 substituiu o padre Lacordaire, afamado prégador dominicano, auctor da *Vie de Saint Dominique*, das *Considérations philosophiques sur le système de mr. de Lamennais*, etc. O padre Lacordaire foi com Lamennais collaborador de *L'Avenir*, folha que, em 1831, defendia com a liberdade religiosa todas as liberdades politicas e civis, e da qual foi tambem um dos fundadores o conde de Montalembert.

XV. P. de Ségur, n. em 1780, general e historiador, auctor da *Histoire de Napoléon et de la grande armée pendant l'année* 1812, da *Histoire de la Russie et de Pierre le Grand*, etc., que em 1830 substituiu o duque de Lévis, auctor das *Considérations morales sur les finances*.

XVI. Thiers, n. em 1797, homem de estado e historiador celebre, auctor da *Histoire de la révolution française depuis* 1789 *jusqu'au* 18 *brumaire* (15 edições), etc., que em 1833 substituiu Andrieux, poeta comico, auctor das comedias *Anaximandre*, *Les etourdis*, etc.

XVII. Mérimée, n. em 1803, litterato, auctor de *La peste de Tolède*, *Chronique du règne de Charles* IX, *Matteo-Falcone*, etc., que em 1844 substituiu Carlos Nodier, poeta e romancista, auctor de *Jean Sbogar* e de grande numero de obras em differentes generos.

XVIII. Nisard, n. em 1806, litterato, auctor de *Les poëtes latins de la décadence*, *Histoire de la littérature française*, etc., que em 1850 substituiu Féletz, auctor de *Melanges de philosophie, d'histoire et de littérature*.

XIX. E. Augier, n. em 1820, poeta dramatico, auctor de *Gabrielle*, *Gendre de mr. Poirier*, *La jeunesse*, etc., que em 1858 substituiu Salvandy, politico e jornalista, auctor da *Histoire de Pologne avant et sous le roi Jean Sobieski*, e de outras obras.

XX. P. A. Lebrun, n. em 1785, poeta, auctor da tragedia *Marie Stuart*, do poema *Voyage de Grèce*, etc., que em 1828 substituiu o conde Francisco de Neufchateau, poeta, auctor de obras de differentes generos, taes como odes, epistolas, poemas, fabulas, etc.

(Continúa) BRITO ARANHA.

RECORDAÇÕES DE VIAGEM

CARTAS AO MEU AMIGO XAVIER DA CUNHA

(Vid. pag. 206)

IV

Actividade dos chinas — As mulheres — As louquis — As tancareiras — As tres sociedades de Macau — Habitos inglezes — Quatro portuguezes justiçados em Hong-Kong — A imprensa portugueza na China — O theatro portuguez de Macau.

Meu caro X. — É vulgar na Europa a opinião que attribue a todos os povos orientaes um caracter de indolencia, e habitos de molleza e ociosidade typicos. Se o que te disse dos indigenas de Timor está de accordo, pela sua parte, com este sentir, não é tal o juizo que se fórma do povo chinez quando se observam os costumes dos chinas de Macau. A incançavel actividade d'esta gente, o affan com que cada um se dedica ao exercicio da sua industria ou do seu trafego, denunciam-n'os capazes das mais perseverantes lidas e das mais arrojadas emprezas. Verdade é que sabem conciliar com o assiduo labor a pratica do vicio, e que entre elles tambem existem bastantes viciosos, verdadeiros parasitas, que consomem sem produzir. Taes são em geral os fumadores do opio, que, envenenados lentamente pelo narcotico, ostentam um

triste aspecto de anemia e esmorecimento vital, e constituem um terrivel exemplo para todos os que se sentirem tentados a delirar-se com o fumo nauseante do amphião.

As ruas de Macau offerecem um bonito aspecto de actividade industrial e mercantil. As lojas bem fornecidas e nunca vasias de compradores; as officinas cheias de obreiros occupados no fabrico dos objectos de marfim, de madreperola e de sandalo; os bordadores executando nas sedas magnificos lavores; os marceneiros, sapateiros e alfaiates; a fabrica de vidros; os carregadores *(culis)* correndo apressados pelas ruas da cidade, livram aquelle povo da pecha de indolente e inactivo.

Os chinas, bem longe de terem as physionomias repugnantes e grotescas, que estamos costumados a ver nas caricaturas com que na Europa pretendemos amesquinhal-os, são, pelo contrario, homens de bom aspecto, geralmente muito aceiados, de bom trato e genio sociavel. As mulheres, que tambem não são entre nós favorecidas com lisongeira fama de belleza, estão muito longe do typo de fealdade que geralmente se lhes attribue. Entre as de mais elevada gerarchia são menos frequentes as bellezas. De uma pelle extremamente alva e transparente, olhos negros, pestanas compridas e bem arqueadas, nariz e boca regularissimos, cabellos pretos, finos e bastos, mão pequena e bem feita, grande numero d'ellas seriam até de incontestavel e attrahente formosura, se o córte obliquo dos olhos e o aleijão dos pés (distinctivo, como sabes, das mulheres recolhidas) lhes não attenuasse bastante os attractivos. Além d'este, ha outro typo, o das mulheres de baixa esphera, empregadas como criadas nos misteres domesticos ou nos serviços maritimos. Para se conhecer os dois typos differentes, podem estudar-se como exemplares de um e de outro as *louquis* e as *tancareiras*.

As louquis caracterisam bem o typo das mais bellas, com as feições que acima te apontei. São aventureiras, pobres aves sem ninho, especie de *demi-monde* na China, e passam a vida a tocar, e a fazer as delicias dos chinas viciosos e devassos. Reunem-se em maior ou menor numero em saraus dados pelos chinas opulentos aos seus amigos que pretendem obsequiar. Ha para isso casas proprias, onde a noite é passada em cantares, com que ellas, acompanhando-se de instrumentos, celebram, quaes menestreis da devassidão, os seus infames amores. São accessorios indispensaveis d'estas funcções o chá, as pevides, que elles e ellas saboreiam como apreciada iguaria, e o opio, com que os homens se inebriam até cairem, cedendo á acção do narcotico, sobre os coxins, onde ficam n'um estado de prostração repugnante, e ás vezes profundamente adormecidos.

Ninguem sabe a procedencia d'estas pobres raparigas, em cujos labios fulgura um sorriso, que o physionomista mais perspicaz não poderá dizer se é sincero ou ficticio. Apparecem em Macau, ninguem lhes pergunta d'onde vem, e ninguem se preoccupa com o seu destino ou com o seu futuro. Entregando-se áquella prostituição folgazã, obedecem ás consequencias de uma educação viciosa, ou são arrojadas pelo sôpro da desventura do seio das familias para a torpe morada do vicio? Nem o sabem talvez os seus devassos adoradores, que as guardam cautelosamente dos christãos. Se em Macau admittem como visitantes os portuguezes nos saraus, sobre tudo os militares, e lhes offerecem chá e opio, ficando muito lisonjeados com a acceitação da offerta, limitam a isso a sua hospitalidade, e não lhes permittem liberdade alguma com as louquis, que lhes fazem respeitar como fructo defeso.

As tancareiras são mulheres que tripulam os pequenos barcos chamados *tancás*, os quaes correspondem aos botes das nossas praias. São mulheres da infima classe, de fórmas robustas e feições grosseiras. Andam descalças, e esmeram-se no penteado, da fórma geralmente usada na China, e que tens visto figurado nas estampas que representam costumes d'aquelle paiz. O tancá, embarcação menor que os nossos botes, serve-lhes de morada constante. Fundeados em grande numero junto dos caes, a toda a hora do dia e da noite estão á disposição de quem, a preço de uma pequena quantia, quizer transportar-se de um logar para outro do porto.

É admiravel o aceio em que estas mulheres conservam os seus pequenos barcos, onde tem cama, loiça e outros objectos de uso indispensavel. Não faltam nos tancás, como em todas as coisas, e até nas lojas chinas, as imagens das divindades, que são notaveis pela fealdade e pelo grotesco. Perante ellas arde constantemente a luz de uma lamparina.

As tancareiras, depois de uma vida amplamente desregrada, quando a perda do viço juvenil as torna menos apreciadas, casam-se e fazem-se boas mães de familias.

(Continúa) JOÃO DE LACERDA.

BAIXOS-RELEVOS EM BARRO COZIDO E COLORIDO DO SECULO XIV

Lucas della Robbia, esculptor florentino, que nasceu no anno de 1388, aprendeu os primeiros elementos da arte sob a direcção de Leonardo Giovanni, ourives; aperfeiçoou os seus estudos com Lourenço Ghiberti. Primeiro entregou-se á esculptura em fontes de bronze, e deixou n'este genero provas da sua habilidade. Não encontrando occasiões assás frequentes para se occupar d'estas especies, procurou Lucas della Robbia os meios de revestir as obras de barro cozido, ás quaes entregou uma coberta tirada em grande parte de mineraes fundidos ao fogo. Não se dando por satisfeito com a saída de seus primeiros ensaios, que lhe não tinha procurado senão uma coberta de uma só côr, então concebeu a esperança de substituir as pinturas que se alteram promptamente nos logares humidos por barro cozido e colorido, o que conseguiu á força de pesquizas.

Lucas della Robbia, ainda não contente, porque alguns barros cozidos e em relevo não convinham a todos os generos de ornatos, pintou figuras sobre superficies planas no barro, com côres que se tornavam inalteraveis pelo fogo. A sua industria não ficou sem recompensa, porque Cosme de Médicis o empregou. Fizeram-lhe perguntas numerosas da Italia, da França, da Hespanha e de toda a Europa. Para satisfazer a isso, associou-se com seus irmãos, Ottaviano e Agostinho, que se haviam dado, como elle, á esculptura.

O seu segredo ficou durante alguns annos n'um segredo de familia. Finalmente ficou conhecido, e esta arte, levada a Urbino e a Pesaro, alli produziu esses vasos e quadros em *majolica* (faiança), ainda procurados pelos curiosos, e onde se encontram composições de Raphael, de Julio Romano e de seus discipulos.

No mosteiro da invocação da Madre de Deus (fundado em 23 de junho de 1509 pela rainha a sr.ª D. Leonor, viuva do sr. D. João II), na parte exterior do edificio, ainda alli se observam collocados uns medalhões da faiança inventada no seculo XIV por Lucas della Robbia.

No seculo XVI foram executados pratos e outras peças esmaltadas, representando assumptos divinos e mythologicos, com desenhos de Raphael del Colle, na fabrica de Landim e Mailleur, em Limoges, em 1558. E no referido seculo tambem Bernardo de Palissy inventou objectos em barro esmaltado, muito apreciados.

Todos os referidos objectos ainda hoje ornam os museus e os gabinetes dos amadores e dos curiosos.

ABBADE DE CASTRO.